

## WILLYS DE CASTRO E

HÉRCULES BARSOTTI / J. G. V.

Foi bom que as obras de Willys de Castro e Hércules Barsotti tivessem sido expostos pela terceira vez, pois quem as estranhou na VI Bienal e as reestudou em Ipanema na matriz de Petite Galerie, teve depois o ensejo de familiarizar-se afinal com elas aqui em São Paulo na sucursal daquela mesma galeria, à avenida Paulista.

Willys de Castro e Hércules Barsotti: dois artistas plásticos de vanguarda, no mais alto sentido de realização inédita, e a cujo respeito a nossa crítica precisa reajustar a alça de mira e os ângulos de percepção antes que algum perito estrangeiro, de Ulm por exemplo, internacionalize a fama por enquanto em potencial dêsse dois valores excepcionais. Dois pintores de alta consciência estética. Não consideram a pintura rotina vocacional em apuros virtuosísticos, e sim uma energia imanente cujas expressões múltiplas dependem menos do estado de graça premondiano do que da responsabilidade da pesquisa onimoda, visto a arte estar integrada na cultura e não no milagre.

Para compreendermos Willys de Castro e Hércules Barsotti, cada qual em sua tarefa específica, não precisamos subordiná-los a equipes de laboratório, bastando agregá-los cronologicamente a pioneiros ainda recentes. Hércules Barsotti a Delaunay, Sophie Taeuber-Arp e Josef Albers, recuando mesmo até Mondrian. Willys de Castro, a Thomás, Maldonado e Kenneth Martin.

Há na obra de Hércules Barsotti a sedimentação estatística das heranças clássicas investidas em tarefas de renovação, aplicou-as à pintura de agora, como Poud às aplicou à poesia de agora. A sua arte, inserida em Losangos, é uma entidade cromático-geométrica no plano e no espaço, que êle a ambos divide segundo o princípio da menor ação e do equilíbrio cristalino, obtendo simetrias homotéticas. A sua arma individual para a decomposição harmônica dos retângulos, é a diagonal. Para o leigo, porém, talvez sobressaia apenas o efeito da pintura de superfície como que a afundar-se ou a soerguer-se do suporte, quase se destacando dêle; ou, como, ao enrolar-se, deixar outro suporte à vista, dando ilusão espacial convexa, efeitos cinéticos. Dir-se-ia que a finalidade imediata e constante fôsse querer mostrar ao observador erudito, mediante jogos de "trompe-oeil", a metamorfose de ampliação dos corpos chatos de Helmholtz em entidades dimensionais de Poincaré. Mas é claro que seu intento não é o mundo trigonométrico dos polítopos no hiperespaço, e sim libertar a pintura do quadro, purificar-lhe os elementos, excluir os acasos, organizar o espaço ântero-posterior e látero-lateral, bem como os interstícios e a base dêsse altar de liturgia estética, pondo a pintura pròpriamente dita em estado de levitação, salvando-a da enchente cromática dos plasmas pigmentares e desobstruindo-a dos magmas materiais.

Diante das unidades de Willys de Castro, que êle chama de "objetos ativos", temos que orientar o observador citando, como preparos facilitadores do nosso assédio à obra dêsse artista, a obra de outros plásticos. Por exemplo: os elementos em